

O Urubu - Rei Pousou em Brasília

Mario Fernandes

*Brasil: O Urubu - Rei
Pousou em Brasília.*

*D*edicatória

À minha mãe que já se foi e me deixou seu legado e aos meus adoráveis filhos Mario e Laura.

Aos jornalistas que continuam a perseverar e a denunciar as canalhices das nossas autoridades.

*I*ntrodução

Este livro encontra-se dividido em cinco partes:

O Prefácio e o Capítulo 1 dão o tom do livro.

Na primeira parte comento sobre fatos históricos e retrospectivas políticas, visando o melhor entendimento da trajetória recente do nosso país. Trata-se de uma retrospectiva resumida, contendo considerações e críticas do cidadão aqui.

Na segunda parte (capítulos 2 e 3), constam as narrativas das causas que levam o Brasil a ser uma incubadora de canalhas. Nesta parte, nasce o Urubu - Rei e descrevo uma análise dos casos “mensalão” e Petrobras.

Através da leitura de todo o livro, tento induzir o leitor a adivinhar quem é o Urubu - Rei que pousou em Brasília há mais de 10 anos. Aqui reside a essência do livro, ao dar condições dos leitores

participarem e opinarem, uma vez que a participação efetiva dos brasileiros também é baixa. Ao dar sua opinião, cuidado! O urubu – rei pode ser uma pessoa, um poder estabelecido ou o espírito, a essência da nação e seu povo. Quem vai decidir são os leitores.

O leitor poderá opinar pelo facebook www.facebook.com/identidadeuruburei e pelo site <http://marioffnn.wix.com/o-urubu-rei-pousou> descrevendo o que, ou quem é o urubu: sua essência (se não representar uma pessoa), seu sexo, cor de cabelo, cargo que ocupa e a opinião sobre ele ou ela... Ao longo do ano de lançamento deste livro mostraremos no facebook, site e blog do livro, os resultados obtidos.

Já a terceira parte, reúne 7 crônicas de relativo humor sobre nossos costumes e as diversas canalhices diárias e monumentais que nós brasileiros passivos e ordeiros - agora nem tanto - testemunhamos todos os dias. O leitor aqui pode estranhar porque, em parte do livro, saio de um tom sério e parto para brincadeira. Na verdade, algumas coisas desse país têm que ser abordadas também através do humor relativo, pois é desse veneno que eles e mais o “URUBU – REI” utilizam diariamente contra nós.

Na quarta parte, ainda na linha da sátira, alguns destaques no “museu dos absurdos”. Usei desenhos e figuras. Mais pistas...

A quinta e última (Epílogo), é o desfecho de todo o raciocínio e uma tentativa de concluir porque chegamos até aqui dessa forma. Conto um pouco da minha história como auditor, pai e cidadão, descrevendo o “preço” que paguei por lutar.

Finalmente, convoco os leitores a adivinhar quem é o “Urubu – Rei”.

Obs.: Embora o cenário político seja muito ruim, ressaltamos que não são todos os políticos desonestos. A generalização não é positiva, portanto, enfatizamos que existem homens e mulheres de bem nas duas casas do legislativo e nos outros dois poderes. A corrupção infelizmente, quando atinge níveis assustadores, passa a impressão equivocada de que toda a classe é nefasta, o que não é verdade.

*P*refácio

“Não preciso mais de pistoleiros, agora eu quero deputados e senadores. (Paul Castelano, antigo chefe da “Cosa Nostra” em Nova York - EUA)”.

*C*apítulo 1 – O Urubu – Rei Pousou



“O URUBU-REI POUSOU”

Ao escrever este livro, mais desiludido do que nunca com o nosso “berço esplêndido”, passei a perguntar a mim mesmo:

Que raio de país é este?

Qual é o nosso sistema de governo, que permite tudo isso que está aí?

O que leva este povo a aguentar tanta safadeza sem manifestar sua revolta?

Somos uma **Democracia?**

A resposta veio de imediato: Não. Como o nome já diz a democracia deriva do povo que elege e fiscaliza os seus governantes e os pune quando necessário. Raramente, os temos punido. Não usamos os nossos direitos como deveríamos usar.

Em qual sistema devemos então, nos incluir? Estudemos outros tipos:

Plutocracia: representa o poder do dinheiro e assegura a classe dos capitalistas o controle social e econômico de um país.

Canalhocracia: é o domínio dos canalhas. Os que vivem de espertezas (não há ladrões; só “espertos”) e toda sorte de vilezas para manter-se entre as classes dominantes.

Na maioria das vezes os dois grupos se confundem, com raras exceções.

Tecnocracia: Nesta a autoridade é emanada dos Deuses, e é exercida por um seu representante na Terra. Fizemos um experimento com este sistema nos oito anos de Fernando Henrique Cardoso, que conversava com Deus de igual para igual, segundo o anedotário a respeito, mas não deu certo. Deus cansou dele ou ele de Deus e ao governar por conta própria, deu no que deu.

Recentemente, li na sentença de uma Juíza da Justiça Eleitoral, referência a uma modalidade de sistema da qual eu não me havia dado conta – **A “Cleptocracia”**.

Não há dúvidas. Podemos juntar este tipo aos outros para especular o que é o nosso sistema: se dependermos dos envolvidos em escândalos de corrupção e já condenados, então teríamos a Plutocleptocanahocracia (fiquei tentado a suprimir o “l” de Pluto); ou seja, o poder é dos que furtam e roubam associados aos capitalistas canalhas. O nome do sistema é um pouco grande, mas está do tamanho das ações dos seus componentes.

Porque aguentarmos tudo isso? É fácil explicar: onde se dão os maiores cortes no orçamento deste país? Todos nós sabemos: Educação e Saúde.

O ditador Salazar, já sentenciava, há anos atrás a um educador que lhe apresentou um plano de alfabetização a ser aplicado em Portugal: “Deixemos de lado os nossos pobrezinhos na ignorância. Pois se muito aprenderem muito irão pedir”.

O que pode fazer um brasileiro subalimentado, sem saúde e sem educação? O que estão fazendo muitos brasileiros, além de morrer nas filas, entregar - se aos vícios das drogas, ao banditismo, ao tráfico, e agora mergulhado no consumismo, em futilidades, selfies, em programas de baixo nível, vulgaridades e outros, que só embotam a capacidade de criticar, planejar e reivindicar.

A educação declinante, bem como os excessos em redes virtuais, vem reduzindo o vocabulário das pessoas. Ora, sabemos que a força das palavras influencia o pensamento e, portanto, a limitação do vocabulário nos dias de hoje é uma das principais causas da crescente perda no poder dos brasileiros em entender o que acontece em suas vidas e ao redor delas. Isso leva a uma quantidade significativa de brasileiros a uma imensa dificuldade em pensar de forma mais complexa, pois nossos problemas não são simples. Como consequência, essas pessoas partem então para uma forma de pensar

muito básica que é “o pensamento binário”, onde só existem duas opções: ou se é contra ou a favor, independente de uma análise mais abrangente dos fatos. Vimos isso na radicalização nas redes sociais quando da eleição em 2014 entre Dilma e Aécio.

A polarização e limitação da forma de pensar e ver a realidade geram também o extremo individualismo, narcisismo e insensibilidade social que tomou de assalto à sociedade brasileira. O fanatismo religioso, partidário e os relacionamentos passionais que aumentam a cada dia, são a ponta desse iceberg binário.

Vivemos uma cultura onde fatores econômicos e financeiros predominam sobre os fatores sociais, estabelecendo as bases para um pensamento redutor. O reflexo disso é que passamos para uma forma de pensar primitiva, na qual vale o conceito “lutar ou fugir”, “contra ou a favor”, extrema violência ou passividade

diante de problemas que poderiam ser resolvidos de forma inteligente.

Ao contrário da limitação do vocabulário, também é sabido que o uso sistemático de palavras rebuscadas e linguajar muito formal impede a renovação na forma de julgar problemas. A justiça brasileira é um exemplo gritante desse fato. O excesso de formalidades, o linguajar rebuscado e o latim, mais o rito processual, inibem a inovação na forma de pensar de muitos juízes. Joaquim Barbosa ao criticar o excesso de “firulas” e salamaleques na corte suprema, sabia do que estava falando e chamou atenção ao fato.

Maquiavel afirmava que os homens são simplórios, e quem quer enganar, sempre encontrará pessoas dispostas a serem enganadas. Essa é a lógica dos canalhas!!! O ambiente que aí está é ideal para enganar a muitos...

A degradação do ambiente político está rapidamente aumentando e o circo que vemos todos os dias de deputados gritando e se ofendendo, a queda de braços entre executivo e legislativo leva ao desgoverno e o aumento do caos. Alguns políticos acusados na operação lava jato tentam silenciar o Ministério Público, ameaçando mudar a regra do jogo ou influenciar negativamente na escolha do Procurador Geral. Mesmo que o governo seja ruim demais na gestão, a sensação para os brasileiros é muito ruim.

Quando um presidente ou ministro dá uma entrevista coletiva ou edita programas e mensagens, subestimando a capacidade de muitos e negando a realidade, o cenário do descrédito alimenta a raiva das pessoas e aumenta rapidamente a desarticulação da economia e relações sociais, as quais sempre foram confusas no país. Nesse ponto, a aceleração do tempo é negativa, pois rapidamente podemos mergulhar numa situação parecida

com a da Venezuela. Não será igual, porque a estrutura das instituições brasileiras é menos pior do que a da Venezuela.

É fato que nosso país vive os mesmos problemas há décadas e que nota-se um ciclo que se renova e se repete. Democracia relativa, caos, golpes e ditaduras, democracia relativa, caos e golpe. Antes e durante o governo de Getúlio Vargas, Juscelino, João Goulart, revolução de 64 e agora, após FHC, o longo período de governo do PT e o que pode vir depois, caso o caos aumente. Fica óbvio que não sabemos gerenciar nosso país, não planejamos, e o pensamento redutor nos moldes do “é contra ou a favor”, já vem de longa data. Ainda não ultrapassamos o estágio da “República de Bananas”, pois continuamos atrasados e exportadores de commodities, e não de produtos com tecnologia e valor agregado.

Recentemente, com a descoberta do Pré – Sal, adicionamos mais um fator: passamos a viver sob a égide da “maldição do petróleo”. Países produtores que independente de sua riqueza de reservas, mergulham em crises sociais e políticas e não rompem a barreira do terceiro mundo. Vide a Venezuela!!! Poucos são os países que conseguiram êxito através do petróleo.

Lula e o PT apostaram tão alto no petróleo que não entenderam ou não divulgaram os desafios tecnológicos e financeiros que o pré – sal representa. Isso sem considerar os maus gestores que passaram pela Petrobras e o uso político da empresa na distribuição dos cargos, o que levaria a sérios problemas de gestão. Na verdade, o uso da Petrobras na negociação de cargos, para apoio político, não é recente e abrange muitos presidentes, desde sua fundação.

P *primeira Parte: Uma parada para
fatos Políticos e Econômicos Relevantes –
Pequena Retrospectiva.*

O Neoliberalismo e as desigualdades.

O saudoso Dom Hélder Câmara, em sua obra intitulada “Indagações sobre uma vida melhor”, já antecipava na ocasião, o futuro que ora vivemos. Dizia Dom Elder: **“Em verdade não é do progresso científico ou técnico que devemos ter receio quanto ao futuro, mas do progresso do egoísmo e da injustiça”**.

Independente dos corruptos, o mundo propiciou um ambiente favorável às desigualdades, o que nos levou aos dias de hoje.

E quando a velocidade dessa máquina destrutiva, tecnicista, burocrática e denominada quase como uma ciência - se acelerou e vem fazendo todo tipo de destruição?

Resposta: No início do chamado neoliberalismo no mundo e no Brasil.

No embalo do modismo e perante uma força mundial aniquiladora, o Brasil cedeu ao neoliberalismo.

O TSUNAMI NEOLIBERERAL



O leitor perceberá que da mesma forma que outros engodos foram enfiados goela abaixo do cidadão comum, a palavra “mercado” vem sendo utilizada por muitos economistas como uma entidade reguladora, digamos: mágica. Há ainda, o mundo corporativo e seus falsos valores, que vem sendo apresentado como um organismo vivo e muito virtuoso.

Num ambiente de desigualdades, onde o DEUS CASH, o lucro e o mercado são o mote, tudo conspira para o surgimento de uma nova geração de predadores.

No Brasil de hoje, por mais que o governo tente mostrar o contrário, a vida humana aqui vale muito pouco. Tragédias já não sensibilizam as pessoas, crimes bárbaros já não chocam e, o egoísmo e “apartheid” social, tornaram o amor, a compaixão e a solidariedade em sentimentos esquecidos e em desuso.

O número de assassinatos nos últimos quinze anos no Brasil, somados, cabem o número de vítimas nas guerras do Vietnã, Iraque e do Afeganistão juntos. O contraste entre o discurso e a prática, atingiu níveis insuportáveis. Na Síria até 2014 morreram

70.000 pessoas na guerra civil. No Brasil, são 57.000 assassinatos por ano.

“Somos um país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza...” - Jorge Benjor.

Não há como não ficar triste, por saber que fomos incapazes de mudar essa tragédia que se arrasta há mais de 30 anos e que se agravou de 1990 para cá.

Rostos anônimos, cujas expressões em suas faces ficam sendo os “rostos” dos seus corações de norte a sul do país:

Segundo dados recentes do IBGE, de 1990 para cá, ocorreram no Brasil centenas de milhares de assassinatos. A maioria de homens jovens. Os EUA, ao longo de toda guerra do Vietnã, perderam 150.000 vidas. Em alguns locais de combate, um tenente possuía uma expectativa de vida de no máximo uma semana...

Nossos jovens são assassinados nas ruas, em vielas de favelas, em suas casas, nas escolas, no campo e em qualquer lugar, pois estamos vivendo uma guerra já não é de hoje. Juízes cometem

assassinatos premeditados e execuções sumárias, a luz do dia: como no caso do supermercado em Fortaleza e do advogado que assassinou sua mulher repórter, bem como centenas de outros exemplos que não resultaram absolutamente em nada. Bagdá é aqui!

A corrupção também atinge o Judiciário, a exemplo do Juiz “Nicolau”.

Edifícios que parecem penitenciárias, carros blindados e um exército de seguranças particulares, que tentam, em vão, mostrar que estamos seguros. Somos prisioneiros de nós mesmos, da nossa ignorância e da insensibilidade de nossos dirigentes, de certos empresários e muitos dos ditos “intelectuais”.

Nossos jovens, como os de toda América Latina, não se interessam mais em conhecer nosso passado e não enxergam perspectivas no futuro. O resultado disso é a pratica de um egoísmo e imediatismo absolutos e generalizados. O mesmo mecanismo ocorre nas classes miseráveis, gerando uma legião de soldados do tráfico. Na classe média alta, os “PIT – BULLS” e gangues de “Playboys” entram em ação a todo o momento.

Temos uma mídia desenvolvida e grande parte da população encontra-se desinformada e com bolsões de analfabetismo digital.

Para aqueles que vivem da retórica, das custas das mordomias do Estado, do roubo, dos golpes, do enriquecimento ilícito e da desinformação, descrever essa realidade é um exercício de “pessimismo” e; de otimismo em otimismo, chegamos à situação de hoje. Instituímos e exercemos a cultura da passividade e perdemos a capacidade de nos indignar. Enfim, como estamos cansados de saber, somos o país dos contrastes, campeão das desigualdades. Por mais otimistas que sejamos, resta aos brasileiros, perseverar, perseverar e perseverar, lutando pela sobrevivência do dia a dia e se distanciando cada vez mais, em termos sociais, do mundo desenvolvido.

Para um grupo seleta, o atraso e tal estado de coisas, são cruciais para ganhar muito, mas muito dinheiro, pois o que seria dos ricos se não existissem os pobres.

É tudo muito óbvio e não dá para analisar o Brasil sem cair no lugar comum dos infortúnios e do ambiente pernicioso que

permeia nossa sociedade. Novamente, aqui vale afirmar: fizemos do Brasil um ambiente ideal para proliferação de canalhas.

Como pensar num mundo globalizado, com tantas diferenças entre as nações civilizadas e as nações bárbaras como o Brasil? Como pensar em altruísmo, idealismo e acreditar em mudanças, se cada presidente que assumiu nos últimos 30 anos foi um pior que o outro? Discursos diferentes antes das eleições e práticas iguais depois de eleitos. A miséria cresce num ritmo exponencial e as ideias que a resolva, não surgem e, ao contrário, se tornam cada vez mais medíocres na mesma velocidade. Uma significativa parcela de governos e políticos medíocres se alternam no poder, cujos únicos objetivos são as benesses do poder. Continuamos como expectadores passivos desse show de cinismo e de muita incompetência.

A vida não é feita só de prazeres, mas de responsabilidades.

Gandhi

Os pobres estão sufocados e ocupados em sobreviver, a classe média endividada e ao mesmo tempo preocupada somente com o consumo e os ricos, totalmente insensíveis ao mundo ao seu redor.

Para àqueles que não conseguem encontrar explicação para tantas desigualdades, só resta a vida de bandido, onde as armas substituem as canetas, as chacinas substituem a fraternidade e os assassinatos a sangue frio e sequestros, substituem a compaixão. Ironicamente, alguns canalhas fazem o caminho inverso e substituem as armas pelas canetas. Não há como se indignar com tamanha estupidez, arrogância e ignorância dos que têm muito a custa de almas miseráveis que vivem num universo de sofrimentos e no submundo de uma existência: num verdadeiro inferno.

Precisamos redescobrir o Brasil o quanto antes, sob pena de perdermos o controle total da violência que cresce dos grotões até as grandes capitais. Não há mais lugar seguro, não há mais como viver em paz ao ver diariamente pessoas pedindo esmolas, revirando o lixo, assaltando e sendo assaltadas, matando e sendo assassinadas, mulas do asfalto e doentes em todos os sentidos. Se a vida, já é algo muito duro de enfrentar, aqui no Brasil a falta de sentido entre o nascimento e a morte, tornou-se concreta.

Já está provada que a saída não é nenhuma das siglas de partidos de toda espécie que aí estão. Também não foi o regime militar e então, cabe nos perguntar: Onde está a saída? A resposta está na

nossa capacidade de nos organizar e expulsar esses patifes que se instalam e se alternam no poder e pouco se importam com o povo. Também não é com violência ou com fanatismo religioso, mas com muito interesse e vontade de participar do rumo desta nação, não deixando para os outros a responsabilidade de mudar. Para cada direito, temos pelo menos duas obrigações. Nós, somos os outros!

Os rombos oriundos dos desmandos e perdas em Estatais corrompidas, e pela incompetência dos gestores nas três esferas, são cobertos pelo povo que não decide, mas que paga pesados impostos, sem contra partida alguma em serviços e infraestruturas.

Diariamente vemos ônibus incendiados, trens com defeitos, enchentes, postos de saúde (só mudam as siglas populistas) sem o mínimo necessário, a justiça dando um show de impunidade, a polícia despreparada. Falta água, a matriz energética é o retrato da incompetência, a energia é cara, a gestão dos recursos naturais é caótica, a educação padece com professores despreparados, infraestrutura precária e matérias ultrapassadas.

Não obstante esse quadro desesperador para população, presidente atrás de presidente ou presidenta, em cerimônias cercadas de pompa e muita desfaçatez, anunciam os “bons feitos” na saúde, na educação, infraestrutura e até meio ambiente.

A baía de Guanabara – cartão postal – e o rio São Francisco – vitais para uma extensa área e várias regiões, por exemplo, vêm sendo degradados sistematicamente. Estão virando esgotos a céu aberto. As queimadas assolam a Amazônia e o Centro-Oeste, as monoculturas destroem a diversidade, a agropecuária destrói terras produtivas, e os recursos minerais são entregues a grupos que não se interessam pelo benefício da população. Os índios já deram o prognóstico: “Os humanos vão se afogar nas próprias fezes no Brasil...”.

Enquanto isso, no congresso e nos três poderes - nas três esferas - são aprovados aumento de salários e todo tipo de mordomias, paralelamente, ao corte de verbas vitais para a população e aumentos sufocantes de impostos.

Não há limites para o egoísmo, a ambição e o cinismo de muitos no poder. Também nunca houve sensibilidade e capacidade de

gestão a altura dos desafios da nação e seu povo. O ciclo de mentiras, cinismo e todo tipo de ganho espúrio é interminável.

Os brasileiros passivamente observam tudo isso e se revoltam da pior maneira possível: passeatas em 2013 sem planejamento, sem líderes a altura e sem foco, violência no trânsito, violência em todas as atividades sociais (casas noturnas, shoppings e shows). Espancamentos de mulheres, filhos, vizinhos e animais indefesos. O brasileiro é o algoz dele mesmo, por pura ignorância e falta de educação.

A questão ética no Brasil sempre foi assim: “sou contra até não conseguir uma boquinha”. “Meu filho é esperto, copia os trabalhos da escola na internet”. Ultrapassam no acostamento, não dão passagem, pressionam carros menos potentes com velocidades acima da lei “Sou contra a negociata, pois não fiz parte dela”. A propina para o guarda, a fila furada, os preços exorbitantes. Enfim, um mosaico que alimenta a corrupção, deteriora as relações em sociedade e, finalmente, alimentam o ciclo de ignorância x mediocridade x violência e vulgaridade. Somos corruptos estruturalmente e cada um de nós – usando das palavras do Diogo Mainardi – leva consigo um “Dirceuzinho” dentro de si.